

Editor e jornalista responsável:

Fábio Palácio de Azevedo

Secretária de redação:

Brenda Espíndula

Capa e diagramação:

Cláudio Gonzalez

Preparação e revisão de originais:

Fábio Palácio de Azevedo

Comercialização e distribuição:

Rovilson Portela

Tiragem: 5.000 exemplares

CONSELHO CONSULTIVO DO CEMJ:

Alessandro Lutfy Ponce de Leon, Arthur José Poerner, Augusto Buonicore, Fábio Palácio de Azevedo, Fabiano de Souza Lima, José Carlos Ruy, Mary Castro, Natividade Guerrero Borrego, Regina Novaes.

DIRETORIA DO CEMJ:

Presidente

Fabiana Costa

Diretor de Planejamento e Patrimônio

Rovilson Portela

Secretário Geral

Augusto Vasconcelos

Diretora de Estudos e Pesquisas

Brenda Spíndula

Diretor de Memória

Fernando Garcia

Diretor de Cultura

Carolina Maria Ruy

Diretor de Comunicação

Vandré Fernandes Barros

Diretor de Atividades Educativas e

Esportivas

Alexandre Rosa

A revista **juventude.br** aceita colaborações que lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a critério da editoria e do Conselho Consultivo do CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação de um artigo não implica em compromisso da revista ou do CEMJ com seu conteúdo. As opiniões emitidas são de responsabilidade exclusiva dos autores. Os artigos enviados não devem exceder 15.000 caracteres com espaços. Artigos maiores dependerão de acerto prévio com o editor. Os artigos devem ser enviados no programa *Word for Windows* e os originais não serão devolvidos. Citações devem seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A juventude e as “revoluções por minuto” da era digital

O mundo vive hoje os impactos da chamada “revolução digital”. Trata-se de algo que, a bem da verdade, tem início ainda nos anos 70. Nesse período, a partir da conjugação entre pesquisas científicas e burocracia militar, surge a chamada “telemática” – a fusão das telecomunicações com a informática que resultaria no advento, anos mais tarde, da internet.

Esse processo, no entanto, não parou por aí. Ele tem avançado mais e mais a cada dia, rompendo limites e derrubando as barreiras, antes intransponíveis, que separam as diversas mídias de massa (TV, rádio, internet, jornais etc), em um fenômeno conhecido como *convergência digital*. Anunciam-se, em face dessa realidade, imensas possibilidades de democratização da comunicação humana. Possibilidades como aquelas abertas pela TV digital – com sua imensa multiplicidade de canais e suas alternativas de estabelecimento de *feedbacks* de novos tipos e em nova escala.

É expressivo o impacto dessas tecnologias no dia a dia da juventude. Com base nelas, as práticas juvenis são recriadas e reinventadas, resultando no redesenho de identidades e formas de expressão. Conforme indica Fátima Hartmann em artigo nesta edição de *Juventude.br*, “podemos pensar a constituição de identidades juvenis na era digital como um processo que se dá no interior e através de um tempo marcado pela invenção de novas tecnologias digitais e pelas relações que esses jovens estabelecem e vivenciam junto a essas tecnologias”.

Nesse sentido, da mesma forma que os jovens dos anos 1980 se expressavam, dentre outros suportes de comunicação, por meio de fanzines, desenhados à mão e fotocopiados, a juventude dos anos 2000, imersa na onda da convergência, passa a delinear com base nela seu perfil, suas inquietudes e suas aspirações. Como narra, em contribuição a este dossiê de *Juventude.br*, a psicóloga Heloísa Helena Couto, “as tecnologias digitais, ao possibilitarem a criação coletiva distribuída e o aprendizado cooperativo, além de prolongar capacidades cognitivas como a memória, a percepção e a imaginação, instituem espaços para sociabilidade, comunicação e construção de identidades”.

Sérgio Amadeu vai mais além e afirma que a juventude se apropria da tecnologia e a utiliza conforme seus interesses, chegando esse fenômeno ao ponto de jovens hackers subverterem direitos de propriedade, inventando novos softwares, novas redes sociais, novas plataformas de comunicação. Em suas palavras, “a liberdade construída na rede vem de sua arquitetura e de seus protocolos tecnológicos, criados sob forte influência da cultura libertária dos hackers. Essa liberdade de criação de conteúdos, formatos e tecnologias, sem necessidade de autorização de nenhuma hierarquia estatal ou empresarial, é que faz a rede ser o grande ambiente de invenção, inovação e um grande espaço de ampliação da diversidade cultural”.

Apesar de seu papel destacado como usuários e, mesmo, como criadores dessas tecnologias, os jovens não têm participado na devida medida das decisões políticas que estão configurando tecnologicamente os ambientes comunicacionais do futuro. Ambientes que, no caminho inverso, irão ajudar a conformar identidades e estilos de vida de amplas parcelas da juventude.

A convergência tecnológica, porém, longe do que sugere certo discurso excessivamente otimista, não representa para a juventude uma panacéia. Na verdade, a tecnologia diz muito pouco do ser humano se submetida a uma leitura desvinculada das relações sociais. Como adverte André Cintra em reportagem escrita especialmente para esta edição de *Juventude.br*, “a convergência está longe de ser um fenômeno estritamente tecnológico, um mero fruto da revolução digital. Sem intervenções políticas deliberadas, as novas tecnologias são incapazes de garantir como e por quem elas próprias serão utilizadas”.

É exatamente por isso que muitas das imensas promessas democratizantes abertas com a convergência digital permanecem ainda hoje como meras possibilidades irrealizadas. E é também por esse motivo que o protagonismo da juventude na apropriação dos meios digitais tem ficado muitas vezes restrito a uma das pontas do processo – a do consumo. Com efeito, apesar de seu papel destacado como usuários e, mesmo, como criadores dessas tecnologias, os jovens não têm participado na devida medida das decisões políticas que estão configurando tecnologicamente os ambientes comunicacionais do futuro. Ambientes que, no caminho inverso, irão ajudar a conformar identidades e estilos de vida de amplas parcelas da juventude.

Nesse sentido, não podemos jamais supor que a convergência tecnológica seja algo em si mesmo democratizante. Apesar das imensas possibilidades que engendram, os avanços tecnológicos de nossos tempos encontram-se ainda, também eles, submetidos ao controle de alguns poucos conglomerados econômicos – e, portanto, à lógica das leis de mercado. É nesse ambiente, onde se formam consensos e estereótipos sobre a juventude, que

A juventude precisa estar atenta a este contexto para que seja de fato protagonista e não vítima da convergência digital. Agora, mais do que nunca, é a hora de a juventude chamar para si o debate sobre a comunicação.

o “ser jovem” passa muitas vezes a ser entendido como comprar o último celular anunciado, vestir-se como determinada cantora pop do clipe mais badalado ou compartilhar determinados valores de consumo. A juventude precisa estar atenta a esse contexto para que seja de fato protagonista e não vítima da convergência digital. É necessário que os jovens tomem as rédeas de seu próprio destino, para que eles próprios – e não o “mercado” – definam o que significa “ser jovem”.

Agora, mais do que nunca, é a hora de a juventude chamar para si o debate sobre a comunicação, propondo novas políticas públicas para o setor. Em dezembro próximo terá lugar, em Brasília, a primeira Conferência Nacional de Comunicação, momento propício para enfrentar as corporações da mídia e demarcar a luta pela democratização dos meios de comunicação. Além de valorizar as potencialidades da era digital, é necessário – como sugere o jornalista Altamiro Borges – colocar a comunicação como direito humano inalienável, da mesma forma que os direitos à educação, à saúde, à habitação e ao trabalho, dentre outros. Cabe aos jovens – com sua tradição cívica de grandes mobilizações – lutar pela garantia desse direito como parte da conquista de uma sociedade mais democrática e socialmente justa.

Esse é o desafio colocado para a juventude brasileira: associar seu protagonismo como criadora e consumidora das novas tecnologias a um outro, que ao longo das décadas ela tem sabido exercer muito bem – o protagonismo político, a luta por mudanças de fundo em nosso país. Na área da comunicação esse luta pode ser decisiva: ela pode evitar que instrumentos de grande potencial transformador se tornem, ao contrário disso, sofisticados mecanismos de dominação e opressão. 🗣️

